

A COESÃO TEXTUAL E A CHARGE

Verônica Palmira Salme de Aragão (UFF; UFRJ)

As piadas veiculam seu discurso indiretamente, até porque, em certos casos, fazê-lo abertamente criaria problemas graves para quem ousasse produzir determinados discursos.

(Sírio Possenti, 1998)

O objetivo deste estudo é analisar os diversos recursos que ocorrem no âmbito da *coesão textual* nas charges. Esse processo de co-referenciação nesse gênero exerce, além do papel de relacionar um signo a um referente extratextual, o de ligar diferentes campos semânticos. Pretende-se verificar como os processos de co-referenciação podem contribuir para esse intrigante gênero que critica ferozmente os acontecimentos políticos diários, apoiados no humor.

De acordo com Ducrot e Todorov (2001, p. 229), “as línguas naturais têm com efeito o poder de construir o universo ao qual elas se referem; podem pois obter um UNIVERSO DE DISCURSO imaginário”. Nas charges, esse universo se amplia, visto que muitas vezes os signos *verbal* e *não-verbal* se complementam e contribuem conjuntamente para a construção do sentido. A análise do *corpus* parte da observação dos diferentes recursos de *coesão* nas *charges* dos quatro principais jornais do Rio de Janeiro: *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *O Dia* e *Extra*. Todas colhidas no mês de março de 2006.

Os estudos gramaticais da tradição, mesmo com ênfase nos aspectos formais da língua e com a tentativa de fugir dos percalços provocados pelo sentido, contribuíram de alguma forma para os estudos do texto. Somente com a crítica a essa gramática excessivamente normativa foi possível verificar a necessidade de considerar o texto nos estudos linguísticos para que as regras não

TEXTOS: PRODUÇÃO E EDIÇÃO

tenham o fim em si mesmas. Lendo ou escrevendo, o falante precisa dominar a(s) língua(s) a fim de que possa utilizar as estratégias discursivas exigidas nas situações reais. Pode-se afirmar, então, que é preciso valorizar os acertos verificados nesses estudos e reformular o que for necessário.

Com o avanço da Linguística Textual, propiciou-se um maior entendimento da língua a partir da elaboração de conceitos voltados para a apreensão de significados no texto e mesmo no discurso. Nesse sentido, a Análise Semiolingüística do Discurso, teoria proposta por Charaudeau, apóia-se na materialidade do texto para, só a partir dela, alcançar o sentido. O autor define o processo de construção do sentido como *semiotização do mundo* segundo o qual um sujeito real, *o comunicante*, com uma determinada finalidade, dirige-se a um sujeito real, *o interpretante*.

Na perspectiva da linguagem, esses sujeitos recebem a designação de *enunciador* e *destinatário* respectivamente. Enquanto o primeiro realiza o trabalho de *transformar um mundo a significar em mundo significado* (sentido-forma), o segundo tenta captar esse *mundo significado* de acordo com suas competências comunicacional, discursiva e situacional. Charaudeau (2005, p. 12) afirma que “a linguagem é multidimensional”, já que tanto nos processos de produção quanto de recepção são exigidos conhecimentos, lingüísticos, discursivos e situacionais.

A COESÃO TEXTUAL

Não há um consenso entre os autores quanto a uma definição para a coesão. Segundo Beaugrande e Dressler *apud* Val (2000 p. 38), a *coesão* diz respeito ao aspecto formal do texto, sendo responsável pelas relações formais estabelecidas em sua superfície. Halliday e Hasan *apud* Fávero (1995, p. 13) acrescentam que um texto se caracteriza por sua relação semântica de coesão. Entendem, portanto, que a *coesão* é responsável pelas rela-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ções presentes em um texto. Com isso, enfatizam o papel da coesão sobre a coerência textual.

No Brasil, também há diferentes pontos de vista sobre esses estudos. Fávero (1995) questiona algumas propostas de classificação de *coesão* e fundamenta-se numa que considera a função dos termos coesivos. Procede-se a um quadro apresentado por Fávero (1995, p. 58) em que são apresentados os *fatores de coesão*:

REFERENCIAL	Substituição	pro-formas nominais pro- formas verbais pro- formas adverbiais pro- formas numerais
	Reiteração	Repetição; Sinonímia; Hiponímia e hiperonímia; Expressões nominais e definidas e Nomes genéricos
RECORRENCIAL	Recorrência de termos; Paralelismo; Paráfrase; Recursos fonológicossegmentais e supra-segmentais	
SEQÜENCIAL	Temporal	Ordenação linear; Espressões ordenadoras ou continuadoras Partículas temporais; Correlação dos tempos verbais
	Por conexão	Operadores do tipo lógico
		Operadores do discurso
		Pausa

Antunes (2005, p. 50) acredita que a coesão não é apenas uma questão de superfície. Os termos se ligam em seqüência exatamente porque se relacionam conceitualmente. A continuidade que se instaura pela coesão é, fundamentalmente, uma continuidade semântica. A autora propõe, então, uma classificação baseada nos critérios de *relação*, *procedimentos* e *recursos*, conforme segue abaixo (*ibidem*, p. 51):

TEXTOS: PRODUÇÃO E EDIÇÃO

Relações textuais	Procedimentos	Recursos
Reiteração	Repetição	Paráfrase; Paralelismo e Repetição propriamente dita
	Substituição	Gramatical; Lexical e Elipse
Associação	Seleção lexical	Palavras semanticamente próximas
Conexão	Estabelecimento de relações sintático-semânticas entre termos, orações, períodos, parágrafos e blocos supraparagráficos	Uso de diferentes conectores

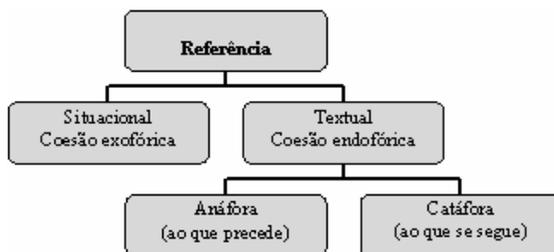
Koch (2006: 186) afirma firmemente que os conceitos de coerência e coesão textuais não se confundem mais, e uma prova disso é a possibilidade da ausência desta nos textos. Embora em sua mais nova obra, *Ler e compreender*, não haja um capítulo sobre coesão, a autora apresenta três capítulos intitulados *Referenciação e progressão referencial*, *Funções das expressões nominais referenciais* e *Seqüenciação textual* (*ibidem*, p. 127). Nelles, a coesão é abordada em perspectivas macrotextuais, diferentemente da maneira que normalmente se vê. No quadro que se segue, estão sintetizadas as idéias presentes em dois desses capítulos:

Referenciação	Introdução (construção)	Ativação ancorada e não-ancorada Anáforas indiretas e associativas
	Retomada (manutenção)	Gramatical Lexical
	Desfocalização	-
Seqüenciação	Recorrência	de termos de estruturas de conteúdos semânticos de recursos fonológicos segmentais e suprasegmentais de tempo e aspecto verbal
	Sem recorrência	Procedimentos de manutenção temática Progressão temática Encadeamento

Nota-se a adoção de uma classificação baseada na estruturação de textos, de acordo com o papel semântico que os conectores exercem nos diferentes contextos.

Vale ressaltar dois tipos de *coesão* relevantes ao estudo da charge: a *endofórica* e a *exofórica*. Acredita-se que esse gênero não se apóie apenas no primeiro tipo e utilize ainda o segundo. Na coesão exofórica, a remissão exige um referente extratextual, não recuperável na superfície explícita do texto e, sim, no contexto-situacional por meio de inferências.

Segundo Koch (1990, p. 20), na *coesão exofórica*, o referente está fora do texto, enquanto na *coesão endofórica* o referente se acha expresso no próprio texto. Neste último caso, se o referente precede o item coesivo, tem-se a *anáfora*; se vem após, a *catáfora*. A autora apresenta um diagrama abaixo em que esses conceitos são organizados didaticamente:



ANÁLISE

Cabe verificar a presença dos mecanismos coesivos no gênero, visando observar a contribuição desse fenômeno para o humor e para a crítica. Para isso, serão analisadas charges retiradas dos quatro principais jornais do Rio de Janeiro, no dia 01/03/2006: *O Globo*, *O Dia*, *Jornal do Brasil* e *Extra*.

Precede-se ao exame um breve comentário explicativo sobre o contexto social, que visa ambientar o momento vivido durante a produção das charges.

TEXTOS: PRODUÇÃO E EDIÇÃO

Contexto social das charges do dia 01/03/2006

Fim do carnaval e início das preparações para as novas eleições presidenciais. Além disso, o tema da corrupção do mensalão ainda está em voga.

Caruso, O Globo



O emprego do *dêitico*¹ “agora” remete ao momento de enunciação da charge, o que é bastante comum nesse gênero, cuja principal característica é o traço circunstancial. Essa partícula temporal é posta em equivalência a um nome “cinzas”, que exige todo um conhecimento de mundo, no âmbito conotativo. Além disso, trata-se de um *nome ambíguo*, já que remete a dois campos semânticos: o carnaval, referindo-se à quarta-feira de cinzas, portanto fim do carnaval, e à política, correspondendo ao fim da carreira política dos personagens.

No primeiro plano do texto, está a caricatura do ex-ministro da Casa Civil, José Dirceu, acusado de ser o responsável pelo mensalão. Já, no segundo, aparecem as caricaturas do ex-presidente do PT – José Genoíno – e do ex-ministro de Comunicação - Luiz Gushiken, também acusado do mesmo delito.

Sendo assim, o *advérbio de tempo* e o *nome* que compõem o *título* da charge caracterizam-se pela *coesão exofórica*, pois

¹ Para Ducrot e Todorov (2001, p. 232), “o referente só pode ser determinado em relação aos interlocutores”.

somente com esses conhecimentos em torno dos acontecimentos políticos vividos no Brasil torna-se possível a atribuição de seus respectivos referentes. Ressalte-se a importância do *código não-verbal*, que contribui endoforicamente para a ativação desses conhecimentos, uma vez que oferece um contexto em que os elementos presentes na superfície do texto remetem à situação real.

A *coesão referencial por substituição*², Fávero (1995), do pronome “nos” possibilita o reconhecimento do sujeito-enunciador. Além disso, há outra *coesão exofórica*, ambígua, verificável no nome “apuração”, que remete aos mesmos dois campos semânticos: carnaval e político. Isso é possível, porque, no carnaval, as escolas de samba são avaliadas, “apuradas”, para a escolha da campeã, assim como a prática dos políticos serão, pela CPI. Nota-se, portanto, a contribuição da *coesão exofórica* para o humor e para a crítica, em função da escolha de léxicos ambíguos. Já a *coesão referencial* propicia o reconhecimento da fala do personagem, estabelecendo um diálogo com a *linguagem não-verbal*.

O *código verbal* manifesta-se na *legenda*, em fonte menor regular, que está acompanhada do número 3, e no *título*, em fonte maior e negrito, que se refere às pesquisas eleitorais feitas pelos órgãos públicos. A *legenda* refere-se à fantasia de Lula, contudo o anafórico “(3)” não apresenta o referente explicitado na superfície do texto. Trata-se de um *exofórico* que exige conhecimentos extratextuais de difícil remissão. Essas expressões junto à caricatura de Lula contextualizam sua pergunta “Campanha, eu?”.

² Para Antunes (2005), a classificação seria de *reiteração por substituição gramatical*

TEXTOS: PRODUÇÃO E EDIÇÃO

Aroeira, O Dia



A *charge* compõe-se da relação entre dois *campos semânticos* de maneira *complementar*: o carnaval – com os *semas* do *código não-verbal* (tanga, serpentina e confete) e do *código verbal* (*legenda*) – e a *campanha presidencial*, com os *semas* do *código não-verbal* (Lula e a faixa de presidente) e do *código verbal* (*título e fala*).

A *coesão exofórica* atua nos dois campos semânticos, remetendo ao momento de eleição e à presença do Lula no Carnaval. A crítica se apresenta implicitamente aos dois códigos em função da faixa presidencial que Lula usa num momento que, em princípio, seria de descontração. Nesse sentido, o emprego do *dêitico* “eu” carrega uma *ironia*, que parte do sujeito-comunicante com o objetivo de criticar um possível oportunismo de Lula, visando as eleições.

Ique, JB



A ausência do *código verbal* na *charge* revela a natureza exofórica do *código não-verbal*, como podem ser observados pelos *restos de confetes, serpentinas, latas de cerveja* e, ainda, pela *máscara de carnaval com o rosto de Lula, faixa presidencial e estrela símbolo do PT*. Verifica-se, mais uma vez, a sobreposição de dois *campos semânticos*: o do carnaval e o da política, sendo o governo representado pela máscara e pelas cinzas do carnaval, portanto trata-se do que sobrou do governo Lula.

Toda a construção do sentido limita-se ao *código não-verbal*, o que exige atenção para a explicitação dos elementos. Nesse sentido, a *intertextualidade* com a *charge* anterior mostra-se pertinente, pois ambas se referem ao fim do carnaval, ou à quarta-feira de cinzas. Além disso, mais uma vez o PT é *comparado* a cinzas, sendo que, dessa vez, acompanhado da figura do presidente Lula.

TEXTOS: PRODUÇÃO E EDIÇÃO

Leonardo, *Extra*



Na *charge*, a *personagem* com a faixa presidencial é uma mulata com traje típico de carnaval. A seu lado, apresenta-se uma moldura com duas caricaturas: uma do candidato Alckmin e outra, do até então pré-candidato Garotinho. Ambos olham para a morena; contudo, por meio da projeção de um *balão-pensamento*, percebe-se que seus olhares estão direcionados, na verdade, para a faixa presidencial.

O *código verbal* é expresso nos *balões-fala* dos dois personagens. Alckmin, por empregar uma interjeição e um vocativo e colocar a mão no peito, demonstra passar mal. O motivo desse mal-estar revela-se *polissêmico*, já que, pelo cenário carnavalesco e pelos olhares lançados à mulata, ela seria o objeto de seu desejo, deixando-o mal. Por outro lado, conforme observado, a faixa presidencial seria seu verdadeiro alvo e, com isso, interpõem-se os dois planos, caracterizando o *deslocamento*. Por tudo isso, pode-se afirmar que se trata de uma *coesão endofórica*, já que os possíveis referentes estão presentes no texto. A fala de Garotinho também revela essa *ambigüidade*, uma vez que há dois objetos possivelmente desejáveis: a faixa e a mulher, todavia o vocativo

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

– Alckmim – remete ao sentido político, porque se trata de dois candidatos à presidência da república.

A *polifonia* aparece, ainda, na frase presente no plano superior da charge, pois não é possível reconhecer o dono dessa voz, que pode advir tanto do autor, quanto da mulher, embora a marca com o destaque em sublinhado sugira se tratar de um título. Nele, o *pronome endofórico* “eles” refere-se aos candidatos, enquanto o outro *endofórico* “naquilo” precisa ser reconhecido por meio do *código visual* faixa presidencial (ou atributos sensuais da mulata?).

Essa *ambigüidade* demonstra o caráter *condensador* de dois *sentidos distintos* no *âmbito verbal* da charge. Nos dois casos, a classificação seria de *coesão referencial por substituição* pronominal. Também são reconhecíveis pela contribuição do contexto discursivo e, nesses casos, pelos campos semânticos: *carnavalesco* e *político*.

Síntese

As *charges* de Chico, de *O Globo*, e de Ique, do *Jornal do Brasil*, parecem dialogar a respeito do mesmo assunto, que é *metáforizado*, (cinzas: fim do carnaval), e relacionado ao presidente e a seus companheiros do PT. Com isso, nota-se a *intertextualidade* em relação ao tema, que reflete a preocupação dos jornais classe³ “A” com a situação dos políticos desse partido.

Ressalta-se, então, um *contrato comunicativo* nos dois jornais, em que os *sujeitos comunicantes* criticam o governo Lula e seu partido, satirizando sua situação atual, em fim de mandato. De maneira diferente, os jornais classe “B” – *O Dia* e *Extra* –

³ Conforme Aragão (2006, p. 108), essa classificação considera a diferença sócio-cultural dos destinatários, a densidade de informações nos textos, o registro e o preço dos jornais.

TEXTOS: PRODUÇÃO E EDIÇÃO

voltam-se para as eleições presidenciais de outubro de 2006. No primeiro jornal, o tema é o uso político da posição de presidente por parte de Lula, já em campanha e, no segundo, as intenções de outros dois candidatos. Assim, no *contrato de comunicação* verificado nessas duas *charges*, o *sujeito comunicante* está mais preocupado com a postura dos candidatos para as próximas eleições.

Em relação aos recursos expressivos, as duas primeiras *charges* se aproximam, uma vez que utilizam a *polissemia* como principal recurso, enquanto as duas últimas revelam a *polifonia*. Daí, a presença de *título* e *balão-fala* nessas, como recursos que veiculam diferentes pontos-de-vista.

Constata-se, nesses textos, a presença da *coesão exofórica* que se concretiza por meio da *coesão lexical*, como é o caso de “cinzas”. Essa conclusão também foi observada em um estudo anterior, conforme Aragão e Pauliukonis (2006, p. 129), “os níveis semântico e lexical são vinculados, normalmente, aos aspectos exofóricos (ou de conhecimento de mundo), mas facilmente retomados na própria superfície textual”.

CONCLUSÃO

O gênero charge apóia-se na circunstância social de produção e, por isso, exige um alto conhecimento de mundo para a sua interpretação. Esse traço revela a presença da *coesão exofórica* praticamente em todo o *corpus*. Esse tipo de coesão exige um contexto que forneça pistas para o reconhecimento do referente, daí a necessidade de um leitor atento que observe os mínimos detalhes que podem estar expressos no *código verbal ou não-verbal*. Com isso, nota-se que ela não se confunde com a coerência textual, pois, embora ambas contribuam para a unidade interpretativa, a coesão implica certo tipo de referência.

Outra observação a respeito dessa coesão corresponde à dupla referência propiciada por esse mecanismo em função da ambigüidade presente no contexto, que remete a dois campos

semânticos. Trata-se de uma propriedade propiciada pela própria natureza dos processos de referenciação. Com isso, torna-se eficiente para a construção do humor e, ao mesmo tempo, da crítica.

Para concluir, cabe levantar o questionamento de qual dois processos, *coesão endofórica ou exofórica*, oferece subsídios para um texto crítico. Na primeira, todo o processo de remissão é explícito ao texto, enquanto, na segunda, o leitor é obrigado a realizar todo esse processo sozinho. Dialogando com a epígrafe de Possenti (1998, p. 31), corrobora-se o caráter direto da *coesão endofórica*, configurando maior ousadia ao texto, já que todos os elementos se encontram na superfície do texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Lutar com palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola, 2005.

ARAGÃO, Verônica Palmira Salme de Aragão. *O não-dito construído pelo viés do humor nas charges*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFF/Instituto de Letras, 2006.

——— e PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino. O processo inferencial na construção do sentido na mídia. **In:** *Letras & Letras: Revista do Instituto de Letras e Linguística*. Uerlândia: UFU, vol. 22, nº 2, jul.-dez. de 2006.

DUCROT, Oswald e Todorov, Tzvetan. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça. *Coesão textual*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1990.

——— e ELIAS, Vanda Maria. *Ler e aprender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006

FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. 3ª ed. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1995.

TEXTOS: PRODUÇÃO E EDIÇÃO

PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino e GAVAZZI, Singrid. *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

VAL, Maria da Graça Costa. Repensando a textualidade. **In:** AZEREDO, José Carlos de. *Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.